



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED-Huíla

Departamento de Ciências Sociais

Secção de História

A Visão Nacionalista de Patrice Lumumba

O Caso da República Democrática do Congo

Trabalho apresentado para a obtenção
do grau de Licenciado, em ensino de
História

Autor: Mário Muengolo Buta

Tutor: MSC.SANTOS GARCIA SIMÃO, PROFESSOR AUXILIAR.

LUBANGO

2017

RESUMO

O presente trabalho de Fim de Curso Sob tema: " *A Visão Nacionalista de Patrice Lumumba – O Caso da República Democrática do Congo* "resulta de uma investigação histórica, apresentado no ISCED-Huíla para a obtenção do grau de Licenciatura, sobre a visão nacionalista de Patrice Lumumba, para tal efectuou-se uma caracterização geral da República Democrática do Congo, desde o período colonial até ao ano de 1960. Para a produção do presente trabalho utilizámos os seguintes métodos: Pesquisa bibliográfica, Histórico e Estatístico, com a técnica inquérito por questionário, que constituiu o nosso instrumento de pesquisa. No capítulo corresponde ao "*Estado da Arte*" na qual efectuamos uma produção teórica actual sobre o Nacionalismo na actual República Democrática do Congo, antecedido de uma abordagem sobre o estabelecimento da colonização belga na região, sua política colonial, a génese do nacionalismo, o surgimento dos movimentos políticos e sua acção para a luta pela independência e posteriormente efectuamos as respectivas conclusões do capítulo. Sobre "*O contributo da personalidade de Patrice Lumumba para a Luta de Libertação Nacional em África*", recorremos em primeiro a uma breve biografia de Patrice Lumumba, o surgimento da consciência política e Nacional de Patrice Lumumba, seu contributo para o desenvolvimento do nacionalismo Africano, as condições políticas no período pós independência, O legado histórico de Patrice Lumumba para os Africanos.

PALAVRAS-CHAVE: Visão Nacionalista; Patrice Lumumba; Congo; ISCED-HUILA.

LISTA DE ABREVIATURAS UTILIZADAS

RDC- Republica Democrática do Congo

ABAKO- Associação do Baixo Congo

MNC- Movimento Nacional do Congo

ADAPES- Associação dos Ex- Alunos dos Padres de Scheut.

UNELMA- União dos Ex- Alunos dos Irmãos Maristas.

ASSANEF- Associação dos Ex- Alunos dos Irmãos das Escolas Cristãs.

APIC Associação do pessoal indígena do Congo Belga e de Ruanda - Urundi.

UNISCO- União dos Interesses Sociais Congolese..

PSA- Partido Socialista Africano

PP- Partido do Povo

CONAKAT- Confederação das Associações de Katanga.

BALUBAKAT- Associação dos Balunda de Katanga.

FEDEKA- Federação das Associações Tribais dos Oriundos de Kassai

ATCAR - Associação dos Cokué, Katanga.

PB- Partido Bangala.

PUC - Partido da União Congolese.

UNICO União Pelos Interesses dos Povos Congolês.

PTC- Partido Trabalhista Congolês.

PDC- Partido Democrático Congolês.

MPNC- Movimentos pelo Progresso Nacional Congolês.

PIL- Partido da Independência e da Liberdade.

UPCO- União Progressista Congolese.

MLN (Movimento de Libertação Nacional);

PNC- Partido Nacional do Congresso.

PUNA- Partido da União Nacional.

FUB (Frente Unida Bangala.

UC - União Congoleza.

CEREA- Centro de Reagrupamento Africano

PEAC- Partido Económico e Agrário Congolês.

PDMN - Partido pela Defesa dos Meios Rurais.

FEDACOL- Federação Congoleza das Classes Médias e o Reagrupamento Congolês.

ISCED-Instituto Superior De Ciências Da Educação

ONU- Organização Das Nações Unidas

CAPITULO I: ESTADO DA ARTE

1.1.PRODUÇÃO TEÓRICA ACTUAL

Os autores consultados e que fazem referência a volta do Congo Belga, na maior parte não abordaram claramente o processo que levaria a independência e os factores a ela vinculados, nem sobre o papel de Patrice Lumumba. Cada um apresentou em seu livro de forma diferente, seja ou abordaram de forma geral sobre as independências africanas.

Sallier (s/d, p. 133), Costa (1987, p. 57) e Fernandes e Capumba (2006) falaram sobre a região do Congo no século XIX, na época das explorações geográficas, que culminou com a realização da Conferência de Berlim 1884- 1885 e o estabelecimento efectivo na região em estudo.

Na análise de Nicolai (1988, pp. 25 - 31), Wondji (2011, pp. 103 e 112), (2010, 98), Merriam (1963, pp. 41 – 51), Ki-Zerbo (2000, p. 234) e Henderson (2001, pp. 143 – 144), reflectiram em suas obras sobre a política colonial belga para a gestão, civilizar os africanos e o último abordou sobre o papel dos movimentos messiânicos na luta de libertação nacional.

Com efeito Júnior (s/d, pp. 138 -139), Fernandes e Capumba (2006) e Pazzinato e Senise (2010, p. 328), focaram alguns factores externos que construíram para o despertar do nacionalismo africano, embora este último também faça uma pequena reflexão sobre factores internos e movimentos messiânicos. Teixeira (1997, pp. 222 - 224) e Ki- Zerbo (2000, p. 123) em suas obras, abordaram sobre a situação social, política e administrativa interna na região em estudo no período colonial e suas influências externas, sobretudo das superpotências que poderá ser a causa da eliminação física de Patrice Lumumba e conseqüente conflito interno no período pós independência

Wondji (2010), aborda em sua obra o contexto mundial que se vivia no fim da II Guerra Mundial que teria influência no complicar do processo político das independências africanas através das ingerências externas nos diversos territórios, particularmente na actual República Democrática do Congo.

Vicentino (2006, pp. 484 - 485), Mello e Costa (1999, p. 391) e Minter (1986, p. 145) abordam de forma sucinta a ingerência na região, o papel de Moisés

Tshombé em Katanga, a reacção dos líderes da região perante a atitude deste e as contradições entre os líderes da região. Com o conturbado processo na procura da democracia, os de conflitos na RDC cruzavam-se vários interesses económicos e políticos.

Ki- Zerbo (2002, p. 233), e (2010, 111), aborda sobre os recursos minerais que existiam na região.

Mbokolo (2011, p. 517), Kamabaya (2014, p. 187), House, (1970, pp. 87 -88) Kent (s/d, pp. 41 - 42), Rocha (2002, p. 170) Pazzinato e Senise (2010, p. 330), 491), Ki – Zerbo (2002, p. 237), Clark (2002, pp.11 - 13) e Mota, Lopes e Antunes (2002, p. 21), abordam sobre uma breve biografia de Lumumba, a sua tomada de consciência política e seu legado para a região do Congo Belga.

1.2.CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA REGIÃO

Para podermos efectuar a contextualização geográfica é necessário abordar os seguintes aspectos da região: a sua localização geográfica e reflectir sobre os seus recursos naturais. Nesta senda, a actual República Democrática do Congo está situada na África Central e atravessada pelo Equador e apresenta uma superfície total de 2.345.40 Km², faz fronteira com vários países, nomeadamente: a Norte pelo Sudão e pela República Centro Africana, a Leste pelo Uganda, Tanzânia e Zâmbia, a Oeste pelo Congo Brazzaville e Angola e a Sul por Angola e Zâmbia (Ministério da Educação, 1983, pp. 6 e 66).

Em termos de recursos naturais, a região é muito rica, possui urânio, bauxite, diamantes, cobre (M'Bokolo, 2011, p. 490 - 491).

1.2.1. ESTABELECIMENTO DA COLONIZAÇÃO BELGA NA ACTUAL REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

A actual RDC foi alcançada pelos europeus em 1482, na altura da expansão marítima europeia, por Diogo Cão na foz do grande rio Nzadi que veio a chamar-se Rio Congo ou Zaire (Pedro, 2006, p. 82).

Após o capitalismo de livre concorrência, emergiu a fase do capitalismo monopolista na Europa particularmente, começaram a surgir associações e companhias de explorações de carácter fundamentalmente geográfico e de cunho

científico e filantrópicos, mas no fundo o objectivo final era aumentar a exploração. Entre elas, podemos mencionar a Associação Internacional Africana (AIA), dirigida pelo rei Leopold II da Bélgica, fundada em 1876 com a finalidade de exploração da região no âmbito das explorações geográficas do fim do século XIX, e princípio do século XX, comandada pelo explorador e jornalista Henry Stanley ao serviço de Leopold II monarca Belga (Fernandes & Capumba, 2006, p. 60).

A Associação Internacional Africana particularmente patrocinava as viagens dos seus exploradores a fim de explorar as riquezas da África Central e apelava ao fim do tráfico de escravos. No fundo preparavam o caminho para o reconhecimento internacional da região pelos países europeus. Foi assim que Henry Stanley explorou minuciosamente a região dos Grandes Lagos de 1871 - 1884 e criou condições para a criação do Estado Livre do Congo, presidido por Leopold II monarca belga. Além disso, Sallier (s/d, p. 133) é de opinião que o *"[...] Empenhado em reforçar a luta contra a escravatura, obtém em 1890 a possibilidade, de receber direitos de alfândega sobre os produtos importados do EIC (contrariamente aos compromissos de comércio livre em Berlim em 1885). [...]"*.

Postos no terreno e tendo em conta as potencialidades económicas da região, conferiu a Stanley a ambiciosa missão de negociar um tratado de protectorado com os chefes locais.

Na perspectiva de Fernandes e Capumba (2006, p. 60), *"[...] A Bélgica procurava através das viagens de Stanley e da acção da Associação Internacional do Congo [...] consolidar a sua influência na bacia do Congo. [...]"* Foi assim que os tratados de protectorados foram consolidados.

Embora o tratado tivesse sido assinado, os africanos na realidade não sabiam que se tratava de colocarem o seu território sobre a soberania estrangeira e não de amizade e protecção como era previsto. Nascia assim a AIC (Associação Internacional do Congo), que segundo Leopold II tinha por objectivos filantrópicos, científicos e geográficos.

A Conferência de Berlim 1884 – 1885, ao "partilhar a África Central", consagrou oficialmente Leopold II como único proprietário do Estado Livre do Congo, com a

condição de permitir o livre comércio na bacia do rio Congo durante 20 anos, assim, a criação do Estado Livre do Congo constitui a maior obra da Conferência de Berlim. Com o Estado Livre do Congo os belgas tinham assim o caminho para impor a sua soberania na região daí que a exploração colonial no século XIX já era um facto de maior impacto (Costa, 1987, p. 57).

Veja-se neste época que o Estado Livre do Congo, era propriedade de Leopold II, reconhecido e ratificado pelo parlamento belga a 1 de Julho de 1885, começava a exploração colonial naquela região, o monarca dividiu as terras em três categorias, nomeadamente: *terras indígenas*; *terras vacantes* (terras do Estado) e *terras concedidas a terceiros*. O povo era obrigado a fornecer certa quantidade de produtos da colheita – tributo em género, outros produtos como a borracha e o marfim eram comprados a um preço insignificante, o povo foi ainda submetida a portagem obrigatória e a prestação de corveia (Nicolai, 1988, pp. 25 - 31).

Em 1890 a Bélgica concedeu um empréstimo a Leopold II sem juros, dois anos depois Leopold II monopolizava o cultivo da borracha e a exploração do marfim sobre uma parte do território, concedendo outra parte a empresas privadas, a procura e exploração do primeiro conduziu a uma feroz exploração dos africanos postos sobre um regime de terror (Sellier, s/d, p. 133). Consequentemente um dos maiores crimes do sistema colonial de Leopold II foi usar o chicote ou usar como refém os familiares dos fugitivos ou mutilação de um dos membros, matar pessoas por enforcamento ou fuzilamento, cujo único crime deles foi não atingirem a quantidade de borracha desejada (Ndaywel, 1998, p. 44).

Com efeito a colonização foi vivida em duas etapas: *a primeira etapa*, não havia metrópole (1885 – 1908) com a denominação de Estado Livre do Congo e *a segunda* a partir de 1908 a 1960 na qual a metrópole era a Bélgica com a denominação de Congo Belga com a metrópole na Bélgica (Vicentino, 2006, p. 309). Prosseguindo, o mesmo autor acrescentava que a região foi:

Devastada pelo tráfico de escravos do século XIX, em 1885, após a Conferência de Berlim, o Congo passou a ser propriedade pessoal do rei Leopold II até 1908, de propriedade pessoal, em 1908, passou oficialmente à colônia belga, servindo a diversos interesses: pilhagem e exploração pelas companhias metropolitanas e estrangeiras, de Diamantes, Ouro, Cobre e Estanho (Ibidem, p. 484)

Tanto que o monarca belga tomou posse de todo o território do Congo em 1876, que em termos de extensão é aproximadamente dez vezes maior que a Bélgica, com uma extensão de 2.345. 409 Km² que ocupava a maior parte da bacia hídrica do rio Congo ou Zaire, possuindo um pequeno estreito de saída para o oceano atlântico e com imensos recursos minerais, foi conservado ao domínio pessoal do rei, que vendeu, em 1908, ao próprio governo belga por uma quantia avultada (Vicentino, 2006, p. 272 e 391).

A pobreza e a miséria faziam-se sentir no seio das populações afectada, pois a borracha e outros minerais, trouxeram riqueza a Leopold II e a Bélgica, mas a sua extracção só trouxe miséria aos indígenas (Mello & Costa, 2006, p. 272 e 391). Tanto que Sallier (s/d, p. 133) sustenta que "[...] em 1905, um relatório dirigido por um belga, Emile Janssens confirma tudo e acrescentava que Leopold II, se é facto que gastou muitíssimo com o Congo no início, também é certo que acabou por se enriquecer de forma significativa. [...]".

Prosseguindo nos anos de 1920, o Congo belga conheceu um desenvolvimento económico rápido alicerçado nos seus recursos minerais de cobre do Catanga, diamantes do Cassai, ouro da Província Oriental; simultaneamente desenvolveram grandes plantações a custa do sofrimento generalizado dos africanos que eram obrigados a praticar a agricultura indígena de produtos comerciais (Sallier, s/d, p.133).

Os colonos belgas impuseram aos camponeses africanos as culturas obrigatórias, para a exportação, consumo interno e impostos obrigatórios, desde Dezembro de 1933 os africanos da região realizavam o trabalho forçado obrigatório durante 60 dias remunerado ou não na comunidade local. (Wondji, 2011, pp. 103 e 112). Para, Lopes e Capumba (2006, p. 80), sustentam que a exploração do solo e do subsolo, não significou o desenvolvimento social e económico entre congolezes, onde estes estavam na sua maioria excluídos de usufruírem dos rendimentos desses produtos exportáveis.

1.2.2- POLITICA COLONIAL BELGA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Após a realização da Conferência de Berlim 1884 -1885, seguiu-se um período da conquista militar de África e o surgimento das primeiras administrações, na qual colocava-se às autoridades coloniais a missão de gestão das possessões conquistadas. A administração no Congo Belga não tinha um perfil uniforme se comparada aquela utilizada na Nigéria, por causa da diversidade de estruturas sociais e económicas (Wondji, 2011, p. 91).

Foi neste contexto que surgiram estratégias de dominação que complementavam as forças militares e a criação de modelos ou métodos de administração nesses territórios através da administração directa ou *direct rule* e a administração indirecta ou *indirect rule*. Na visão de Lopes e Capumba (2006, p. 63), na região em estudo todos aqueles africanos que tinham adoptado a cultura belga eram chamados de «*évolue*» pela administração colonial belga.

A política colonial belga na região baseou-se na destituição e substituição dos chefes tradicionais por chefes brancos, por outro lado, reflectia um modelo de administração na qual, os africanos eram encarados como crianças, incapazes de dirigir os seus próprios destinos. Esta política ficou conhecida como paternalismo, e foi incapaz de transformar os nativos em intelectuais, por isso, todos os problemas do Congo Belga têm a sua origem na falta de compreensão por parte das duas partes (Merriam, 1963, pp. 41 – 51).

Em fim, foi conduzida uma política empresarial paternalista, motivo da reputação do Congo, pelo simples facto de serem poucos africanos tinham iniciativa sobre a gestão da sua vida pessoal, por não possuírem nenhum direito político na altura (Wondji, 2011, pp. 99 e 101).

Na perspectiva de Ki-Zerbo (2000, p. 234), os colonos belgas ao aplicarem o paternalismo, não quiseram aplicar o famoso princípio de que "*o homem é um animal político*" tentaram educar os congueses longe das influências externas, não preparou os nativos para a independência, não deu sentido aos nativos de pertencerem aquele território. Por outro lado, "*No Congo belga, grande número de*

chefes tradicionais haviam sido destituídos e substituídos pelos chefes dos brancos” (Ibidem, p. 91).

Os colonos Belgas, exploraram desenfreadamente a região, sobretudo entre 1958 – 1959. O território era muito rico em recursos minerais e apresentava facilidades na prática da agricultura, o seu subsolo chegou a ser chamado pelos belgas de "*escândalo geológico*" por causa da abundância dos recursos minerais. A política colonial belga na actual RDC segundo a literatura constituía a mais cruel e brutal de todas aplicadas na África Negra. (Ziéglér, 1964, op. Cit, Guia do Terceiro Mundo, 1986, pp. 456 - 458).

As constantes ingerência na região na perspectiva de Ki-Zerbo (2010, p. 111), justificava-se também pela existência do urânio para a fabricação da bomba atômica, fornecida pelas minas do Congo Belga. A fabricação da bomba atômica precipitante do fim da II Guerra Mundial o que levaria a Guerra Fria, dependia do fornecimento de urânio pelas minas do Congo Belga. Veja-se nas palavras de Ki-Zerbo (2002, p. 233), "[...]. *O Congo era então o principal produtor de urânio e em termos de outros minerais, até 1958 fornecia 63% do cobalto mundial, 75% dos diamantes industriais, 8.3% de cobre, 4, 3% de zinco*".

A política colonial belga ao nível do ensino compreendia:

O ensino primário que foi largamente difundido; o *ensino secundário* que estava voltado para a formação profissional, o *ensino universitário* era praticamente inexistente. Por isso, até a independência, existiam apenas 9 jovens universitários, entre os quais 1 graduado em psicologia e os restantes em ciências sociais pela metrópole (Wondji, 2011, p. 98).

Perante este cenário, no Congo Belga não havia nenhuma elite instruída pois a escola primária era o nível mais elevado da instrução a qual podia inspirar a maioria dos africanos, mais além só nos seminários católicos. Este ensino era ministrado sobretudo pelas missões católicas, protestantes, Baptistas americanas e britânicas que instruíam os africanos daquela região a luz dos seus interesses, mas a partir de 1900 perante a exploração, as atrocidades dos sistema colonial belga contra os africanos, os missionários darem início ao rompimento da sua política do silêncio alimentada até então (Pedro & Capumba, 2006, p. 150).

Em conclusão, a política colonial belga assentava em três pilares fundamentais, totalmente interligados, do ponto de vista de colaboração que eram: a administração, as missões católica e protestante e os grandes grupos capitalistas. Estas missões eram privilegiadas em virtude da Concordata¹, assinada em 1906 entre a Igreja Católica e a AIC e por outra, os capitalistas eram representados pela sociedade geral da Bélgica que controlava a União Mineral do Alto Catanga e outras 40 sociedade. Segundo este documento as autoridades coloniais subsidiavam as escolas das missões e asseguravam-lhes receitas, até possessões de terras em contrapartida, ensinavam os africanos a luz dos seus interesses (Selleir, s/d, p. 134).

1.3. A GÊNESE DO NACIONALISMO NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

A partir de 1921, os africanos exprimiam o seu nacionalismo através dos movimentos religiosos particularmente o Movimento Profético de Simão Kimbangu, que emergiu no Congo, foi considerado ilegal e posteriormente acusado, julgado e preso. O Kimbanguismo não desapareceu, enraizou-se dentro do povo Bakongo, surgiu na sequência, outros movimentos religiosos, e dentre os quais, destacaram-se os Kitawala inspirado pelas testemunhas de Jeová originária da Rodésia do Norte e desenvolveu-se em Catanga em 1920 (Sellier, s/d, p. 134). Enfatizando a ideia acima referida, Fernandes e Capumba (2006, p. 147) opinam que "*[...] o Kimbanguismo e outros movimentos religiosos, criaram igualmente condições para a resistência na região*".

Por outro lado, Simão Kimbangu, que segundo relatos realizava vários milagres e muita gente saía dos hospitais, particularmente de S. Salvador, os trabalhadores da fábrica de cimento Lukala, não compareciam ao trabalho, todos peregrinavam para Nkamba, a nova Jerusalém em 1921 (Henderson, 2001, pp. 143 – 144).

Foi assim que a situação, preocupou o administrador belga, acompanhado de soldados, dirigiam-se para Nkamba, com o fim de prenderem Kimbangu, apesar da resistência dos seus discípulos Simão Kimbangu foi levado para a sua casa e posto sob vigilância, terá fugido perto de Leopoldville para a aldeia de Nsanda, e

¹ Convenção entre o Estado e a Igreja acerca de assuntos religiosos de uma nação.

os peregrinos continuaram a visitar esta aldeia. Posteriormente o profeta decidiu entregar-se as autoridades belgas em Nkamba, onde foi novamente preso e levado para Mbanza Ngungu, acompanhado de uma multidão de simpatizantes entre eles o director da missão protestante local (Henderson, 2001, p. 144).

Nesta senda, o mais importante movimento político – religioso foi o Kimbanguismo, na qual no seu seio estava o povo Bakongo e liderado por Simão Kimbangu, que era encarado e chamado como "*o Cristo dos negros*". Foi um movimento com muitos seguidores, administrava, curava e ressuscitava os mortos, combatia a feitiçaria e combatia a administração colonial (Hernandez, 2005, p. 449).

As acusações recaídas ao Simão Kimbangu basearam-se no seguinte: ter instigado uma guerra entre negros e brancos em Mbanza Ngungu; ter posto em perigo a segurança do país; não ter pago os seus impostos, ter fomentado a desordem e ter recusado a trabalhar. Todas estas acusações foram provadas através das palavras das suas orações, que eram infundadas. Mesmo assim, o conselho de magistrados o considerou culpado e foi condenado à morte. Mas a intervenção do Rei da Bélgica Alberto comutou a pena para prisão perpétua e exílio em Katanga, foi enviado para Elizabeth Ville/ Lubumbashi², onde veio a falecer aos 12 de Outubro de 1951, após trinta anos de prisão aos 62 anos de idade (Ki- Zerbo, 2002, p. 173).

Prosseguindo neste pensamento, surgiu na região outro movimento messiânico em 1923, os Kitawala no sul de Katanga³, os fiéis pregavam as doutrinas religiosas do próprio Kitawala nas regiões equatoriais e orientais, com o tempo a ascensão do líder Isaac Nyirenda, tornou-se ameaçador para o sistema colonial, sobretudo quando vários chefes dissidentes passaram a apoiá-lo, e como consequência, o líder Isaac Nyirenda foi preso e executado em 1926 (Hernandez, 2005, p. 449).

² Cidade localizada a Sul da actual República democrática do Congo.

³ Foi uma região muito rica em minerais e por isso centro de recrutamento de muita mão –de-obra, assolada por inúmeras epidemias (Hernandez, 2005, p. 449).

Nesta altura os sindicatos no Congo belga como a Federação Geral dos Trabalhadores Belgas - FGTB, Confederação dos Sindicatos Cristãos – CSC não tiveram grande expressividade, por causa das medidas discriminatórias destinadas a desencorajar os africanos a aderir (M'Bokolo, 2011, p. 520).

Até em 1935, era impensável conceber as independências africanas, passado um quarto de século, a maior parte de toda a África se tornaria independente, embora a Bélgica projectava a independência no mínimo após três gerações. Toda a humilhação dos negros no Congo belga, onde milhões de africanos foram mutilados, outros submetidos ao trabalho forçado e aos diversos tipos de exploração, na década de 50 do século XX, a população da região começou a reagir através do surgimento de uma consciência independentista, iniciava-se assim no Congo belga uma nova ofensiva política influenciado por vários factores para pôr fim ao sistema colonial (Kamabaya, 2014, p.116).

Assim, a génese do nacionalismo em África, particularmente na ex- Congo Belga, estava vinculada a *factores endógenos e exógenos*, nesta perspectiva, os *factores exógenos* estavam ligados a Grande Depressão dos anos 30, onde se propagou em toda a África a partir de 1933, em consequência do desmoronamento do mercado mundial, por causa do desabamento das cotações mundiais das matérias-primas. A Depressão alimentara um crescente descontentamento popular em relação ao poder colonial, insatisfações estas, traduzida em numerosas regiões por agitações, e manifestações, que no Congo Belga resultaram em 70 grevistas em 1940 (Wondji, 2011, pp. 89 e 102).

Por outras palavras Wondji (2011, p. 103) sustenta que o:

[...] Congo Belga as quais dispunham de importantes forças de trabalho assalariados, as reduções destes efectivos, ocasionada pela Depressão, obrigara numerosos trabalhadores a retornarem às suas cidades de origem e a cultivarem a terra para pagar os seus impostos. Com efeito, 125. 000 assalariados perderiam o seu emprego no Congo, entre 1930 e 1932.

As guerras Mundiais, sobretudo a II Guerra Mundial 1939 - 1945⁴, porque a partir desses acontecimentos os africanos, passaram de uma atitude de simples aceitação passiva a uma rejeição do sistema colonial. (Fernandes & Capumba, 2006, pp. 94 – 118). Além disso, em Maio de 1940 foi invadida e ocupada por tropas nazistas alemãs e o Congo Belga funcionava como um Estado – Colónia efectivamente independente da administração ou da política do Governo belga que estava exilado em Londres (Wondji, 2011, p. 110).

Para Ki-Zerbo (2010, pp. 111-112), o Congo belga fornecia um reduzido número de homens africanos para o exército aliado, que libertou a Etiópia dos italianos e outros incorporados no exército sul-africano e rodesiano. A participação de africanos nesta guerra permitiu-lhes compreender a natureza do colonialismo e das sociedades europeias rumo a consolidação do nacionalismo africano. Fruto da II Guerra Mundial, os oficiais africanos que organizaram uma conspiração em Elizabethville, mal organizada e facilmente neutralizada que tinha por objectivo de pôr fim ao sistema colonial (Fernandes & Capumba, 2006, pp. 94 – 95).

[...] a Segunda Guerra significou um momento importante no processo de tomada de consciência dos povos africanos. Por um lado, tornou-se evidente a debilidade das nações europeias, que perderam a sua hegemonia para a União Soviética e os Estado Unidos. Ora nem a URSS⁵ nem os EUA estavam interessados em prolongar a existência do sistema colonial (Senise & Pazzinato, 2010, p. 327).

Outros factores externos foram a Conferência de Bandung em 1955⁶, na abordagem de Neves (2002, p. 491), foi o primeiro encontro afro-asiático para a resolução dos problemas dos países dependentes e a partir desta, as nações africanas passaram a contar com o apoio internacional mais organizado, e os processos de independência aceleraram-se, além disso, assumia-se como compromisso a luta pela liberdade e independência o que acelerou o surgimento de movimentos emancipalistas. Para além do acima focado destacamos também

⁴ "[...], as verdadeiras acções a favor da independência serão desencadeadas com o fim da II Guerra Mundial. De facto, a II Guerra Mundial foi um factor externo que permitiu a consolidação do nacionalismo em África" (Pedro & Capumba, 2006, pp, 94 e 95).

⁵ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

⁶ A Conferência, ocorreu de 18 a 24 de Abril de 1955, aprovou os 10 princípios de Bandung, entre eles o da igualdade entre as raças, o respeito pelos direitos fundamentais do Homem, de acordo com a carta da ONU (Mourão & Fernando, 1987, p. 31).

a Revolução Russa de Outubro de 1917⁷, a Carta da ONU em 1945 e a Declaração Universal dos Direitos do Homem em 1948, os Congressos Pan-Africanos, sobretudo o V Congresso realizado em Manchester em 1945 (Fernandes & Capumba, 2006, pp. 94 – 118).

Quanto aos factores endógenos em relação ao Congo Belga, podemos apontar os movimentos religiosos particularmente o movimento profético de Simão Kimbangu tal como nos referimos anteriormente, o movimento dos intelectuais que culminou com a fundação dos movimentos políticos, as associações culturais (Sellier, pp. 133-134). Em relação a África cita-se a independência do Gana aos 6 de Março de 1957 e da Guiné Conacri aos 2 de Outubro de 1958 e a Primeiro Conferência de todos os povos africanos realizado em 1958 (Lopes & Capumba, 2006, pp. 101 e 118). Portanto a forma como os colonos Belgas administravam afectou as condições sociais, económicas, políticas e culturais dos africanos da região em análise (Wondji, 2011, p. 92).

1.3.1. O SURGIMENTO DOS MOVIMENTOS POLÍTICOS NA RDC

O surgimento tardio de movimentos políticos na actual República Democrática do Congo estava ligado a ausência total da participação dos africanos na gestão política da região e a grande vontade colonial de evitar a constituição de uma elite. O aparecimento dos movimentos políticos estava vinculado a vários factores, neste contexto no Congo Belga, foi tardio o seu surgimento em relação as colónias inglesas e francesas, porque a política colonial Belga evitava a participação dos negros na gestão dos assuntos políticos, a constituição na região de uma classe média e a emergência de partidos políticos, por isso, os partidos políticos surgiram apenas a partir da década de 50 (Mbokolo, 2011, p. 524).

Por outro lado, a existência de vários grupos etnolinguísticos (totalizando mais de duzentos), formaram associações étnicas que depois se transformaram em movimentos políticos, e estes seguiram a linha dos movimentos messiânicos, associações, clubes e redes de intelectuais da pequena burguesia colonial (Ibidem, p. 118).

⁷ O Estado Russo se tornou modelo para os países africanos, inscreveu a libertação dos povos colonizados como principal pilar da sua política externa (Idem, p. 31).

A Bélgica controlava uma única e enorme colónia, o Congo Belga, associada a um território bem diminuto, correspondente ao Ruanda – Urundi (actuais Ruanda e Burundi), colocado sob o seu mandato em 1919 no tratado de Versalhes, depois da conclusão que a Alemanha sendo considerada a culpada da primeira guerra mundial, não era digna de ter nenhuma colónia, passando todas as colónias para os países membros da Sociedade das Nações que fizessem fronteira com as colónias alemãs (Sallier,s/d, 133).

Em conclusão, foi com base nesta atitude de repreensão por parte dos belgas, que vão intensificar a sede de justiça e de independência da actual RDC, assim em Setembro de 1959, se anunciava a existência no Congo Belga de 31 movimentos políticos, já em Janeiro da década de 1960 passaram a ser 51 e até Maio eram 120 movimentos políticos. Este facto, começava a complicar a situação do Congo Belga rumo a independência, por causa da fluidez do surgimento de Movimentos Políticos e do desconhecimento dos líderes desses movimentos políticos (Merriam, 1963, p. 118). Logo os movimentos políticos no Congo Belga segundo Merriam (1963, p. 355), forma os clássicos em:

1- *Movimentos pré – políticos*: ADAPES (Associação dos Ex- Alunos dos Padres de Scheut); UNELMA (União dos Ex- Alunos dos Irmãos Maristas); ASSANEF (Associação dos Ex- Alunos dos Irmãos das Escolas Cristãs); APIC (Associação do pessoal indígena do Congo Belga e de Ruanda - Urundi) e a UNISCO (União dos Interesses Sociais Congolezes). Partido de apoio a um governo Centralizado, MNC (Movimento Nacional Congolês - Patrice Lumumba) (Mbokolo, 2011. p. 516).

2- *Partidos separatistas*: ABAKO (Aliança dos Bakongo – Joseph Casavubu) e o PSA (Partido Socialista Africano), em 1950 tinha como missão defender a cultura e a língua bakongo, mas em 1954 com a direcção de Casavubu houve uma viragem de interesses através da reclamação em Léopoldville da participação nas decisões da cidade e reivindicou o cargo de chefe da cidade onde havia 80% de bakongos em 1956 apresentava-se publicamente como movimento oposto à colonização (Ibidem, p. 529).

3- *Partidos de acção socialista*: PP (Partido do Povo) e o MNC – Kalonji (Movimento Nacional Congolês – Albert Kalonji). *Partidos federalistas*, CONAKAT

(Confederação das Associações de Katanga – Moisés Tchombe); União Katanga; Ucol Katanga; BALUBAKAT (Associação dos Balunda de Katanga – Jason Sendew); FEDEKA (Federação das Associações Tribais dos Oriundos de Kassai) e ATCAR (Associação dos Cokué, Katanga) (Merriam, 1963, p. 119).

4- *Partidos de Tendência moderada*: (Partido Bangala – Jean Bolikango); PUC (Partido da União Congolesa); UNICO (União Pelos Interesses do Povos Congolês); PTC (Partido Trabalhista Congolês); PDC (Partido Democrático Congolês); MPNC (Movimentos pelo Progresso Nacional Congolês); PIL (Partido da Independência e da Liberdade); UPCO (União Progressista Congolesa); MLN (Movimento de Libertação Nacional); PNC (Partido Nacional do Congresso); PUNA (Partido da União Nacional); FUB (Frente Unida Bangala), UC (União Congolesa) e a CERECA (Centro de Reagrupamento Africano) eram de origem africana e os de origem Afro – Europeia, PEAC (Partido Económico e Agrário Congolês) e PDMN (Partido pela Defesa dos Meios Rurais) (Ibidem, p. 119).

5- *Partidos somente Europeus*: FEDACOL (Federação Congolesa das Classes Médias) e o Reagrupamento Congolês (Ibidem, p. 119).

A diversidade de movimentos de vários caracteres no Congo Belga, deixava bem claro que a dominação colonial, criou divisões territoriais para atender interesses da metrópole e estes espaços territoriais não tiveram em conta as particularidades locais, nem a unidade ou diversidade dos povos dominados, foi por esta causa que durante o processo da independência, despoletaram também rivalidades e disputas internas o que se traduziu posteriormente em guerra civil (Neves, 2005, p. 490).

A proibição de formar partidos tinha sido contornada pela multiplicação de associações étnicas que se tornaram depois em partidos: o «factor étnico» [...] e «tribalismo» tornaram-se assim os componentes essenciais da vida política do Congo. Além disso, maior parte dos partidos políticos foi fundado na linha dos movimentos anteriormente existentes, movimentos messiânicos, associações, clubes e redes de intelectuais e de membros de pequena burguesia colonial: [...] (M'Bokolo, 2011, p. 524).

1.3.1.2. A ACÇÃO DOS MOVIMENTOS POLÍTICOS NA ACTUAL REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO PARA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

Diferente das outras colónias africanas, a luta pela independência ocorreu no Congo belga somente na década de 50 do século XX. Após vários protestos, contra a dominação belga efectuada por alguns intelectuais, como reacção do manifesto de Balduino I rei da Bélgica, o Abako⁸, rapidamente se tornou num partido político e publicou um contra manifesto em 23 de Agosto de 1955, na qual exigia uma pluralidade de partidos reconhecidos pelos colonos belgas, um Congo como federação étnica e a rejeição da comunidade belga e congoleza e o estudo de Van Bilsen sobre a transferência gradual do poder para os nativos até a independência num prazo máximo de 30 anos (Mello & Costa, 2006, p.391).

Por outro lado, em 26 de Março de 1957, pela primeira vez foi organizado no Congo Belga eleições populares e eleições municipais em alguns centros urbanos. No Ruanda – Burundi, foram divididas as cidades em municípios africanos e europeus, cada município devia eleger os seus conselheiros e cabia ao Governador eleger o prefeito, esperava-se destas eleições que acalmasse as reivindicações, mais o efeito foi contrário, porque acelerou o processo de descolonização (Wondji, 2011, p. 89).

As elites intelectuais eram pouco numerosas e não beneficiavam de mínimo reconhecimento por parte do colonizador, foi neste contexto que deram os primeiros contactos entre líderes étnicos, professores primários, sindicalistas, líderes políticos das diversas regiões das três zonas, ocorreram em Bruxelas em 1958, onde mantiveram contactos sobre a realidade do Congo Belga, Ruanda e Burundi sobre as preocupações do povo urbano e rural (Wondji, 2011, p. 89).

Após várias tentativas, toma-se em conta o discurso do general De Gaulle no Congo Brazzaville em 24 de Agosto de 1958 na qual oferecia independência para todas as colónias francesas para "*quem quiser pegá-la*", os líderes do país vizinho enviaram uma moção do ministro Pétillon, na qual exigiram no mesmo ano uma

⁸ Foi uma associação de grupos étnicos bacongo, fundada em 1950, com o objectivo de unificar, conservar, aperfeiçoar e difundir a língua Kikongo na África Central.

declaração de intenção do governo belga, esta moção tinha sido assinada pelos principais líderes das organizações políticas, mostrava uma acção concertada pela primeira vez em prol da independência (Wondji, 2011, p. 89).

O discurso do general De Gaulle aguçou a consciência dos populares africanos, em particular congoleza, conseguiu intensificar a luta contra a opressão colonial. Assim, em 1959, foi marcado por manifestações, combates e tumultos populares inter étnicos de rua provocados pela potência colonizadora, recorrendo a sua velha política de "*dividir para melhor reinar*" nesta senda os colonos responsabilizavam e incriminavam Lumumba, pelos seus discursos revoltantes (Vicentino, 2006, p. 481).

No mesmo ano Patrice Lumumba e outras individualidades eleitas nas eleições comunais, fundaram o MNC a fim de constituírem um grupo de interlocutores face as autoridades coloniais belgas, posteriormente Patrice Lumumba tornou-se o líder do MNC (Movimento Nacional Congolês), que já havia participado na Primeira Conferência de Todos os Povos Africanos, e sido eleito como membro do secretariado permanente do congresso, conquistou estima e simpatia de outros líderes africanistas que participaram da conferência, o seu discurso mostrava pela primeira vez o programa e a acção de um líder congolês contra o poder colonial "*Abaixo o imperialismo, abaixo o racismo, o tribalismo; viva a nação congoleza, viva a África independente*". De volta a Kinshasa, foi recebido como herói nacional e repetiu o discurso perante uma multidão de congolezes (Ki-Zerbo Vol II, 2002, 237).

Já em Janeiro de 1959, declararam-se em Leopoldville revoltas, sob grito de independência reivindicado pelo Abako, em resposta aparecia uma mensagem real sem fixar prazo para a independência (Selleir, s/d, p. 134).

Prosseguindo em 4 de Fevereiro de 1959, um grupo do Abako com a devida autorização, pretendia reunir-se na propriedade de um belga que no último minuto mudou de ideia e pediu aos congolezes que reunissem em outro local, a recusa provocou disputas na qual a polícia interveio com disparos e saldou-se 49 africanos mortos, 116 feridos dos quais 15 graves, como reacção aos incidentes o rei da Bélgica Balduino I reafirmou os motivos da colonização e reconheceu a necessidade de independência (Vicentino, 2006, p. 483 - 487).

Assim:

Em 1959, romperam no país manifestações populares, chegando-se a incendiar Leopoldville, a capital, o que obrigou a Bélgica a conceder a independência do país. Em 1960, formava-se o Estado Livre do Congo, tendo como presidente Joseph Casa-vubu e como primeiro-ministro Patrice Lumumba, embora oficialmente independente, a presença europeia continuava gerando contínuas manifestações (Ibidem , p. 484).

Em suma a oposição no Congo Belga foi puramente verbal, os movimentos não tinham recursos, nenhum exército de Libertação lutava contra o exército colonial e nenhuma greve geral ameaçava gravemente a economia colonial. No fim de 1959, o MNC, pretendia que se realizasse eleições por sufrágio universal, posteriormente a Bélgica admitiu a possibilidade da realização de uma mesa redonda que se concretizou em Janeiro de 1960 em Bruxelas, os principais líderes políticos, foram convidados e apelavam pressionavam para uma independência (Sellier, s/d, p.134).

As eleições realizadas em Maio de 1960, confirmaram a preponderância ao nível nacional do MNC e através da coligação com Swendé (balubakat), Iléo (bângala), que permitiu a nomeação de Patrice Lumumba como chefe do governo. Assim, a independência foi fixada para 30 de Junho de 1960, e decidiu-se que o novo país seria uma República parlamentar com um governo central forte e seis governos provinciais, antecedido da realização de eleições, na qual Lumumba teve a maioria dos votos e o poder ficou assim dividido: Joseph Kasavubu tornou-se primeiro Presidente da República apoiado pelos belgas e pelos EUA e Patrice Lumumba tornou-se primeiro-ministro e chefe do governo (Ki-Zerbo, 2002, p. 238).

conclusão do I capítulo

Finalmente na perspectiva de Pazzino e Senise (2010, p. 330), as lutas de libertação nacional que agitaram a África negra entre os anos de 1940 – 1970, produziram líderes e estadista de estatura internacional. Todos eles colocaram o destino da África acima de seus próprios destinos, nenhum teve morte tão trágica, quanto a Patrice Lumumba, líder e mártir da independência do ex - Congo belga.

Em suma a independência da actual República Democrática do Congo, ocorreu numa altura em que havia uma forte tensão no mundo entre o bloco capitalista e

socialista agravada pelas riquezas da região. Por outro lado, os movimentos políticos surgidos na região, não foram capazes de manter uma única direcção nem seus líderes pós independência. Patrice Lumumba seria o líder que deveria encaminhar o país para a sua unidade política e ética, impedido pelos americanos, belgas e outros países.

Com o intuito de concretizarmos os objectivos traçados no capítulo a seguir iremos abordar com maior precisão o contributo da personalidade de Patrice Lumumba para a luta de libertação da actual República Democrática do Congo.

CAPÍTULO II: O CONTRIBUTO DA PERSONALIDADE DE PATRICE LUMUMBA PARA A LUTA DE LIBERTAÇÃO DA ACTUAL REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

2.1. BREVE BIOGRAFIA DE PATRICE LUMUMBA

Patrice Émery Lumumba, nasceu em 2 de Julho de 1925 em Sancuru, uma província de Kassai, pertencente a etnia dos Batetela uma das mais pobres, filho de uma família camponesa. Frequentou uma escola católica e aos 13 anos mais tarde, frequentou uma escola pertencente a Missão Protestante mantida por missionários Suecos, na altura a formação dada pelos colonos belgas visava formar operários e não uma mão - de - obra mais qualificada, e já aos seus 18 anos de idade, foi para a cidade de Kindu, onde trabalhou na Syndicat Minier Africain (Ki-Zerbo, 2002, p. 237).

Em 1954, obteve da administração colonial belga um documento que equivalia a uma cidadania belga - evolué, salientar que em 13 milhões de congoleses apenas duzentos tinham este estatuto e em 1956, tornou-se presidente de um sindicato regional de funcionários públicos congoleses, tendo iniciado desde então, as suas actividades políticas ao filiar-se ao Partido Liberal da Bélgica (Ki-Zerbo, 2002, p. 237).

Anos depois, Patrice Lumumba, cursou na Universidade dos Povos na URSS, assumiu a presidência do MNC, com a independência do Congo, tornou-se primeiro-ministro do país, mas em função das divergências internas foi afastado do governo, preso, espancado publicamente, humilhado e assassinado pelas tropas mercenário, tal como já abordou-se vimos anteriormente.

Para Neves (2005, p. 491) e Ki – Zerbo (2002, p. 237), opinaram que no processo de independência do ex – Congo belga destacou-se um excelente intelectual, que formou-se na Europa e foi um grande chefe politico- militar de grande prestígio particularmente africano, Patrice Lumumba, que foi promotor da igualdade e racial que após o seu regresso reivindicou a independência da região. Patrice Lumumba possuía um recurso político invejável na região, que lhe permitia grandes alcançar patamares no aparelho governativo da actual República Democrática do Congo, facto que notabilizou-se, nas suas conquistas ideológicas contra o opressor.

2.2. O SURGIMENTO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA E NACIONAL DE PATRICE LUMUMBA

As lutas de libertação nacional que agitaram a África nos meados do século XX e finais do mesmo, concretamente entre os anos de 1940 -1970, produziram líderes e estadistas de estatura internacional, todos eles colocaram os destinos da África acima dos seus próprios destinos e nenhum teve morte tão trágica quanto a de Patrice Lumumba, líder e mártir da independência do ex-Congo Belga (Pazzinato & Senise, 2010, p. 330).

Durante a sua formação, mergulhou profundamente no estudo da história através do seu auto didactismo na Revolução Francesa, História do Haiti, dos Estados Unidos e da Rússia, Lumumba posteriormente mudou-se para Stanleyville, onde passou a trabalhar como empregado de serviço de correio por muito tempo, ele começou a ganhar a sua consciência política, enquanto director de venda da fábrica de cerveja em Stanleyville – Kisangani, ao ponto de se tornar um líder nacionalista a semelhança de outras figuras emergentes em África (M'Bokolo, 2011, pp. 516 - 517).

Enquanto funcionário da sociedade mineira, percebeu a importância económica do seu país como fornecedor de matéria-prima ao nível do mundo, compreendeu ainda que a administração colonial se esforçava no sentido dos congolezes não tomarem consciência do potencial essencialmente mineiro do seu país, a partir de então, começava a militar a favor de um Congo unido, contrariamente a todos os líderes independentistas da época na região, através da "*Associação do Povo Indígena da colónia*", fundada em 1955 (Ibidem, pp.516).

Apesar das repreensões que sofreu Patrice Lumumba, se tornará num símbolo da luta anti- colonial, exprimindo um idealismo ingénuo, que ignora as forças internacionais, a corrupção e o poder dos Estados Unidos da América, a hipocrisia da Bélgica e a passividade da ONU, ao ponto de se tornar mártir da descolonização do Congo Belga (Pazzinato & Senise, 2010, p. 330).

Com efeito, perante a turbulência política da descolonização do Congo Belga, Lumumba ao participar como cabeça do MNC⁹, na primeira Conferência de Todos os Povos Africanos em Acra – Ghana, no qual entrou em contacto directo com outras correntes mais vivas do nacionalismo africano, exclamou na tribuna perante mais de 10. 000 pessoas um discurso musculado e de desprezo contra o sistema colonial, daí em diante, a sua personalidade e programa político viria mostrar grande dinâmica e capacidade organizativa para a formação de um Estado unitário e nacionalista no sentido de africanização de todos os sectores e adoptando uma política externa de «*não alinhamento*» perante a geopolítica mundial (Ki-Zerbo, 2002, p. 237).

Este discurso era uma denúncia clara da colonização particularmente Belga, e permitiu-lhe, tomar um posicionamento mais firme sobre o futuro do Congo Belga (Rocha, 2002, p. 170). Acrescentava na sua obra Vicentino (2006, p. 584), que a actuação de Patrice Lumumba como líder do Movimento Nacional Congolês contra os colonos, rapidamente se transformou num símbolo para a independência.

2.3. O CONTRIBUTO DE PATRICE LUMUMBA PARA O DESENVOLVIMENTO DO NACIONALISMO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Um dos contributos de Patrice Lumumba para o desenvolvimento do nacionalismo, consubstanciou-se no facto de em 1960, após a independência seguida de manifestações e saques pelos soldados africanos alegando baixa de salários, destituir todos os oficiais belgas e substituiu por nacionais.

Seguiram-se os conflitos, Moisés Tchombé ao declarar a independência do Katanga, apoiado pela Bélgica e sem mandato da ONU, o nacionalista Patrice Lumumba para tentar reunificar o país deslocou-se para o Katanga de avião, porém, foi impedido de aterrar na pista Elizabeth Ville e considerou ilegal este acto, exigiu aos belgas o abandono do território de Katanga e o corte de todos os laços entre Katanga e Bélgica. Lumumba e Kasavubu ainda pediram a ONU para proteger o território nacional (Vicentino, 2006, p. 484)

⁹ Criado a 5 de Outubro de 1958.

O Conselho de Segurança da ONU aprovou a resolução que exigia a retirada imediata e incondicional das tropas belgas e o envio de capacetes azuis. Foi assim que o presidente Americano Eisenhower, achou que a melhor maneira de resolver a crise sem prejudicar os seus interesses, seria através da utilização da ONU, cuja intervenção não seria vista como uma ingerência e não atrairia atenção da URSS, nesta perspectiva, foram enviados 14 mil capacetes azuis de diferentes países e nacionalidades africanas que não conseguiram entrar em Katanga e serviram apenas como tampão, separando desta forma, o território de Katanga do resto do Congo e conseqüente frustração de Lumumba que via nesta intervenção o fim da ingerência belga e conseqüente unificação do país (Ibidem, p. 484)

Com essa atitude Patrice Lumumba corta as relações com a Bélgica e lança um ultimato ao declarar a intenção de seu governo de solicitar apoio à URSS, na eventualidade da ONU não expulsar os belgas de Katanga. Os belgas apoiados pelos EUA e pela NATO¹⁰, não abandonaram o território. Após saída das tropas belgas de Katanga, as tropas da ONU entraram, mas a administração e a segurança de Katanga ainda estava nas mãos dos belgas, questão que enfureceu Patrice Lumumba ao ponto de cortar as relações com a ONU, as constantes influências das superpotências na actual RDC, foi impulsionada pelas contradições dos nacionalistas que reivindicavam o fim da ingerência estrangeira (Minter, 1986, p. 145). Todavia, Mello e Costa (1999, p. 391). Sustentam que: *"[...] A ONU enviou ao Congo uma força de paz que, entretanto evitou qualquer envolvimento nas lutas intestinais."*

Paralelamente a isso, perante o conflito instalado e o fracasso da ONU, surgiu uma divergência entre as principais figuras do Congo belga, por isso, Patrice Lumumba, organizou uma tentativa de invasão ao Katanga com o apoio da URSS, porém sem sucessos esperados, por sua vez, Kasavubu apoiados pelos belgas e pelos EUA, destituiu Patrice Lumumba, e nomeou o coronel Joseph Mobutu. Perante este cenário verifica-se uma tensão entre os principais líderes e nacionalistas do Congo belga, facto que obrigou a intervenção externa para a resolução do conflito interno (Vicentino, 2006, p. 484).

¹⁰ Organização do Tratado Atlântico Norte fundada em 1949, liderada pelos Estados Unidos da América (Fernandes e Capumba, 2006, p. 59).

A intervenção da ONU após a Independência, situou-se entre 1960 – 1967, com o objectivo final de acabar com as facções rivais, restabelecer a ordem perante a secessão de Katanga (1961 - 1962), esta intervenção da ONU, saldou em 126 mortos das forças de manutenção de paz da ONU, contra milhares de civis e militares nativos mortos (Pazzinato & Senise, 2010, p. 328).

Até Agosto de 1960, o Congo começava a receber apoio Soviético, que incluía 17 aviões de transporte Ilyushin, equipamento militar, camiões de transporte de tropas e conselheiros, além de apoio material e logístico da Checoslováquia. Foi assim que o Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América do Norte reuniu (Minter, 1986, p. 145).

De tal forma que o conselho discutiu e aprovou a proposta do plano da eliminação física de Patrice Lumumba, através da CIA (Serviços de Inteligência Americana), considerando-o traidor por estar a favor dos interesses da URSS. Mesmo morto, seu corpo ainda expressava a força de um líder forte, que foi necessário fazer desaparecer o seu cadáver através de corte, e dissolvido em ácido sulfúrico (Minter, 1986, p. 145).

2.4. AS CONTRADIÇÕES POLÍTICAS NO PERÍODO PÓS INDEPENDÊNCIA

Tal como aconteceu nas outras colónias europeias, no Congo Belga, após a independência seguiram-se violentas desordens onde o exército belga, foi obrigado a salvaguardar a segurança da população branca. Houve actos de brutalidade contra os europeus, diante das ameaças de retaliação económica dos belgas pela nova política adoptada por Lumumba em relação à mineração. A força pública congoleza sublevou-se, exigindo a demissão dos oficiais belgas. Moisés Kapenda Tshombé proclamou a independência da província de Katanga (actual Shaba) com o apoio da Bélgica, Estados Unidos e a França. Segundo Vicentino na sua obra publicada em (2006, p. 481), configura a região de Catanga como estratégica por ser muito rica em diamantes e outros recursos minerais.

Com o conflito político instalado, associado as ingerências externas, Lumumba foi preso, seguiram-se manifestações populares pela sua libertação, posteriormente entregue as forças mercenárias de Katanga, conseqüentemente assassinado aos

17 de Janeiro de 1961, num Congo compartimentado artificial por varias fracções rivais e em lutas crescentes, que posteriormente foram contidas pela intervenção da ONU e com a entrega do cargo de primeiro-ministro a Moisés Tshombe, em 1964, que permitiu assegurar a unidade do país e em 1965, através de um golpe militar imposto pelo general Mobutu que assumiu o cargo de chefe do governo e implementou uma ditadura pessoal e adaptou o nome de Mobutu Sese Seko (Vicentino, 2006, p. 485).

Em 1963, após a retirada das forças de paz da ONU, Kasavubu cedeu a Tshombe o cargo de primeiro – ministro e com o seu apoio derrotou as fracções rivais, assegurando a unidade política do país, em 1965, Kasavubu destituiu Tshombe e, em seguida, foi destituído pelo comandante do exército Congolês, o general Mobutu. Este, como novo representante dos interesses dos neocolonialistas, implantou no país uma ditadura pessoal. [...]. (Mello & Costa, 1999, p. 391).

Tendo em conta as características dos países africanos nos primeiros meses, uma independência por vezes é ilusória. Facto que depois da proclamação da independência seguiram-se conflitos internos, saques, insubordinações do exército, sobretudo no caso entre Kasavubu líder do Abako e presidente da República e Patrice Lumumba líder MNC desde 1960 e Primeiro – Ministro que culminou com acusações recíprocas e a consequente prisão domiciliar de Patrice Lumumba pelas tropas do Coronel Mobutu Sesse Seko, vítima de conspiração arquitectada pela Bélgica e outros países Ocidentais, aumentando desta forma o caos no âmbito da guerra fria¹¹, Lumumba foi espancado publicamente, humilhado e assassinado. Os partidários de Lumumba e os seus agentes tiveram igualmente um trágico destino morte em 18 de Janeiro de 1961 (Pazzinato & Senise, 2010, p. 330).

A independência da actual RDC, ocorreu num momento que havia uma forte tensão no plano internacional (Fernandes & Capumba, 2006, p. 60).

Na verdade, após a morte de Lumumba, o país fragmentou-se em diversas áreas controladas por fracções rivais que lutavam entre si com apoio das forças

¹¹ Expressão que indica o estado de tensão permanente em que viveu o mundo entre 1947 e 1991. Esse estado era decorrente da divisão do mundo em dois blocos político – ideológicos antagónicos. Caracterizou-se pela corrida nuclear entre a União Soviética e os Estados Unidos, pelo emprego em larga escala da espionagem, pelo chamado "equilíbrio de terror", e pela eclosão de "guerras localizadas", conflitos estimulados pelas duas superpotências, mas mantido dentro dos limites toleráveis para ambas. (Pazzinato & Senise, 2010, 293).

mercenárias de grupos belgas e norte americanas, de brancos da Rodésia do Sul e dos colonos portugueses de Angola (Mello & Costa, 2006, p. 391).

Na perspectiva de Mello e Costa (2002, p. 391), a morte de Patrice Lumumba, foi um desastre para a região do Congo, porque permitiu a fragmentação política e étnica e aguçaram as lutas internas, bem como a ingerência de vários países através de mercenários Belgas, os brancos da Rodésia, dos americanos e dos colonos portugueses de Angola.

Após sua morte, Kasavubu, foi forçado a pedir apoio a ONU, que enviou um força de paz, que absteve-se das lutas internas. O novo líder, com objectivo de derrotar as forças rivais internas nomeou Tshombe, para o cargo de primeiro-ministro, posteriormente pretendia e assegurar a unidade política do país em 1965 destituiu Tshombe, que posteriormente também foi destituído pelo comandante do exército congolês o general Mobutu Sesse Seko, que viria a implementar uma ditadura pessoal e representava interesses neocoloniais europeus e norte-americano (Ibidem).

2.5. O LEGADO HISTÓRICO DE PATRICE LUMUMBA PARA OS AFRICANOS

Após as eleições democráticas no Congo Belga, que surpreendentemente para os belgas deram vitória para Patrice Lumumba e o colocava como Primeiro – Ministro, para a preocupação de Bruxelas que tinha grandes interesses em Katanga e observava os ideais de Lumumba como um rompimento das relações económicas e do Estado Livre do Congo, porque exprimia um nacionalismo de esquerda, salientar que a estratégia belga anti Lumumba, foi posta em prática antes de ser evidente que este estava a ser instrumentalizado pelo comunismo soviético (Kent, s/d, pp.41 - 42).

Patrice Lumumba foi uma das personalidades políticas congoleza mais marcada pela nova evolução do pan- africanismo, deixou um legado inesquecível para o continente africano, particularmente para a actual RDC, numa altura que não havia união na região Lumumba apelava a unidade de todos os africanos, a independência económica e uma democracia do povo africano não imposta (House, 1970, p. 87 -88).

Passados mais de 50 anos após a morte de Lumumba, continua a ser lembrado para a actual RDC como o arquitecto da independência, através do seu movimento político o MNC¹², sempre defendeu um Estado Unitário através de um Governo central único e forte de tipo republicano e democratizar todas as instituições, ao contrário do movimento ABAKO¹³ de Joseph Casavubu que defendia uma federação, embora Tshombe tendo proclamado a independência de Katanga, mas o esforço de Lumumba em combater e condenar a sucessão de Katanga, tornou-se num símbolo de unificação e resistência ao colonialismo (Kamabaya, 2014, p. 187).

A sua morte foi um mártir no continente africano e não só, porque foi erguida na actual Rússia uma Universidade dos Povos de Patrice Lumumba que viria formar muitos líderes e jovens de todo o Mundo (Ibidem, p.187).

Segundo Clark (2002, pp.11 - 13), Lumumba pretendia formar uma Estado laico, socialista adaptado a realidade africana, estas posições, desencadearam um forte debate no Congo Belga e da mesma forma que gerou apoiantes, também gerou opositores. A sua morte impulsionou as lutas de libertação nacional em toda a África colonizada, o seu curto espaço de vida, selou a sua personalidade, a sua morte lançou um espírito político que ecoou pelo continente africano.

De todos os líderes que suportaram as prisões belgas até em 1960, o mais popular pelos seus feitos foi de certeza Patrice Lumumba, por causa da sua qualidade e caracter, falava fluentemente as seguintes línguas: o francês, suaíli e a língua Lingala (Clark, 2002, pp.11 - 13). Soube interpretar a ideia que só o povo africano unido poderia enfrentar os desafios do futuro que o imperialismo pretendia implementar sobe diversas formas em África (Pazzinato & Senise, 2010, p. 330).

Por outro lado, apesar dos belos feitos de Patrice Lumumba, pensamos nós e colaboramos com Mota, Lopes e Antunes (2002, p. 21), cometeu alguns erros, porque subestimou o papel da ingerência Ocidental e a julgou mal a ONU, não procurou consenso com os seus opositores no interior do país, sobretudo quando

¹² Criado a 5 de Outubro de 1958, no Congo Belga.

¹³ Fundado em 1950 no Congo Belga e com Kasavubu na liderança a partir de 1954, deixou de ser um movimento cultural para actuar na esfera política (Mbokolo, 2011, pp. 528- 529).

tornou-se primeiro ministro, no seu discurso proferido por ocasião da independência, deixou muito claro as suas intenções quanto aos países vizinhos, sobretudo Angola colonial.

Mas ainda assim, insistimos que Patrice Lumumba foi uma das personalidades políticas, marcado pela nova evolução e que exprimia um nacionalismo pan-africano voluntarista, sobretudo quando trabalhava nos Correios em Stanleyville, nos seus vários artigos advogava uma igualdade racial e fim da separação étnica, a semelhança de Nkwame Nkrumah, sobretudo após ter participado na I Conferência de Todos os povos africanos entre 15 e 22 de Abril de 1958 no Ghana (Mbokolo, 2011, p. 517).

Conclusão do II capítulo

Podemos concluir que Patrice Lumumba foi uma grande personalidade no Congo belga que estimulou a luta para a independência, além disso os seus ideais espalharam-se para a África Negra e particularmente para os países vizinhos.

Lutou para a formação de um Estado unitário no Congo belga, numa altura que havia muita ingerência como consequência da Guerra Fria e das riquezas minerais que existiam na região. A sua morte desestruturou e fragmentou o país.

No capítulo seguinte apresentamos os resultados obtidos através do inquérito aplicado aos estudantes do 3º ano de História do ISCED- Huíla.

CONCLUSÕES GERAIS

Na perspectiva de Pazzinato e Senise (2010, p. 330), as lutas de libertação nacional que agitaram a África negra entre os anos de 1940 – 1970, produziram líderes e estadista de estatura internacional. Todos eles colocaram o destino da África acima de seus próprios destinos, nenhum teve morte tão trágica quanto a de Patrice Lumumba, líder e mártir da independência do ex - Congo belga.

A independência da actual RDC, ocorreu numa altura em que havia uma forte tensão no mundo entre o bloco capitalista e socialista agravada pelas riquezas da região que foi e continua a ser de grande interesse das potências mundiais. Por outro lado, os movimentos políticos surgidos na região, não foram capazes de manter uma única direcção nem seus líderes pós independência. Patrice Lumumba seria o líder que deveria encaminhar o país para a sua unidade política e ética, impedido pelos americanos, belgas e outros países.

Podemos concluir que Patrice Lumumba, foi uma grande personalidade no Congo belga que estimulou a luta para a independência, além disso as seus ideais espalharam-se para a África Negra e particularmente para os países vizinhos. Lutou para a formação de um Estado unitário no Congo belga, numa altura que havia muita ingerência como consequência da Guerra Fria e das riquezas minerais que existiam na região.

Maior parte da amostra é jovem e não domina a história da actual RDC no período entre 1950 a 1965; a amostra não domina sobre as figuras e os movimentos que mais se destacaram na luta pela independência da actual RDC; a abordagem do tema na cadeira de História de África III no ISCED – Huíla, é de forma geral pobre, agravada pela insuficiência de bibliografia na biblioteca e da falta da abordagem do tema pelo professor; há uma forte insuficiência de bibliografia na Biblioteca Central do ISCED – Huíla.

BIBLIOGRAFIA

Carmo, H. (1998) *Metodologia de Investigação científica*. Lisboa: Universidade Aberta.

Fernandes, J & Capumba, A. P. (2006) *História 12ª Classe*. 2º Ciclo do Ensino Secundário. Texto editora, Lda. Luanda - Angola.

Fonseca, da S. J.J. (2002) *Metodologia da Pesquisa Científica*. Universidade Estadual de Ceará – Brasil. s/ed.

Henderson, L. W (2001). *Igreja em Angola – Um rio com várias correntes*. 2ª Edição. Lisboa: editorial além – mar.

Hernandez, L. (2005) *A África na Sala de Aula*. Visita a História Contemporânea. São Paulo - Brasil: Selo Negro.

Kent, J. (s/a) *Descolonização e Guerra Fria: a ONU, os Estados Unidos e a Crise do Congo (1960 - 1963)*. s/ed.

Ki – Zerbo, J. (1980) *Introdução. História Geral de África. Metodologia e Pré-História de África*. Ed. Ática/ Unesco.

Ki- Zerbo J (2002). *História da África Negra. Volume II*. 3ª ed. Publicação Europa-américa – Portugal.

Ki- Zerbo, J. (2010) *História Geral de África I. Metodologia e a Pré – História de África*. 2ª ed. Ver. Ed. Ministério da Educação – Brasília.

Lopes, M.J. e Capumba, A.P. (2006) *História 11ª Classe*. 2º Ciclo do Ensino Secundário. Texto Editores – Luanda - Angola.

Marconi A. M. e Lakatos. E. (2008) *Fundamentos de Metodologia Científica* 6º ed. Atlas. São Paulo.

Marconi A. M. e Lakatos. E. (2010) *Fundamentos de Metodologia de Investigação Científica*. Ed. Atlas S.A. São Paulo.

Marconi, A. M e Presotto, N. M. Z. (2009) *Antropologia Uma Introdução*, 7ª edição, Editora S. Paulo.

Marshal, C. & Rossman, G. B. (1999) *Design qualitative Research* (3ª ed.). ThousandOaks, Califórnia: Sage Publications.

- M'Bokolo, E. (2011) *História e Civilizações do Século XIX aos Nossos Dias*. Tomo II. Edições calibri. 2ª Edição. Lisboa.
- Mello, L.I. & Costa, L.A. (1999) *História Moderna e Contemporânea*. 5ª ed. Editora Scipione São Paulo.
- Merriam, A. P. (1963) *Congo: Nos Bastidores do Conflito*. Letres e Artes Editora.
- Ministério da Educação (1983). *Atlas Geográfico*. Volume 2. Luanda.
- Moreira, A. (2010) “A Crise, a Segurança, a Mudança” *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras.
- Mota, J. Lopes, P. L. & Antunes M. (2002) *Núcleo de Estudantes de Economia da Associação Académica de Coimbra (AAC)*. Ed. Caminho Portugal.
- Mourão, F. A. A. (1987) *África: do Continentalismo a fase a fase das conversações globais in África: Revista do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo*, nº 10/1987.
- Ndaywel, H. I. E. (1998) *Histoire Generale du Congo*. Paris – Bruxelas.
- Neves, Joana (2002) *História Geral: Ensino Médio – A construção de um mundo globalizado*, 1ª ed, Editora Saraiva.
- Reicheteniak, N. (1990). *Patriota, Lutador, Humanista Patrice Lumumba*. Edições da agência de imprensa Nóvosti.
- Rocha, E. (2002) *Contribuição ao Estudo do Nacionalismo Angolano (1950 - 1964)*. Vol 1 e 2.
- Senise, V. H. M & Pazzinato, L. A (2010) *História Moderna e Contemporânea*. 15ª ed. S.P. editora ática.
- Severino, A. J. (2007) *Metodologia do Trabalho Científico*, 23ª Edição revista e actualizada S. Paulo 1ª impressão.
- Vicentino, C (2006). *História Geral Ensino Médio*. Ed. Scipione. 10ª edição, 4ª impressão. São Paulo.
- Wondji, C. (2010) *História Geral de África. VIII. África desde 1935*. Brasil: UNESCO.

OBRAS DE REFERÊNCIA

António, L. (1999) *Dicionário de Filosofia*. 5ª Edição. Editora Plátano. Porto – Portugal.

Atlas dos povos de África (s/d).

Antunes, A. Estanqueiro, A. Vidigal, M. (2005) *Dicionário Breve de Filosofia*. Ed. Presença. 5ª Edição – Lisboa- Portugal.

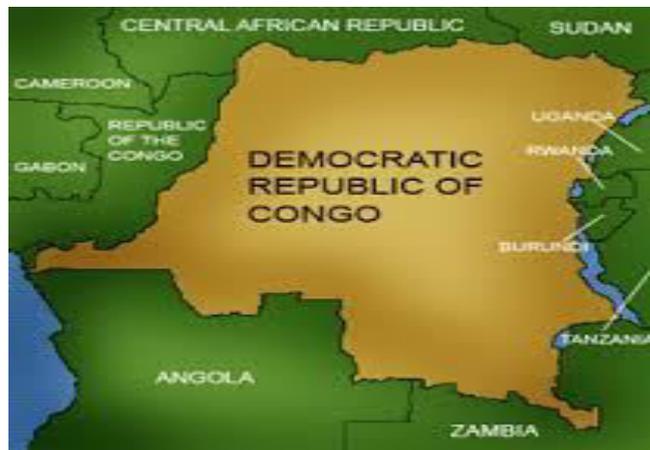
HIPERLIGAÇÕES CONSULTADOS

https:pt.m.wikipedia.org/wiki/IRepública_Democratica_do_Congo, acessado aos 19 de Março de 2017, pelas 14h00.

https:pt.m.wikipedia.org/wiki/leopold_II_da_Bélgica, acessado aos 19 de Março de 2017, pelas 14h30min.

https:pt.m.wikipedia.org/wiki/Balduino_I_da_Bélgica, acessado aos 19 de Março de 2017, pelas 4h25min.

Anexo 2: Representa o mapa da actual República democrática do Congo



Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/República_Democrática_do_Congo, acessado aos 19 de Março de 2017

Anexo 3: Mapa da região em estudo onde é possível visualizar cidade importantes como Kinshasa a Oeste e Lubumbashi a Sul.



Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/República_Democrática_do_Congo, acessado aos 19 de Março de 2017

Anexos 4, Imagens de algumas personalidades de História da RDC.



Imagem 1



imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

14

As imagens acima de representam grandes personalidades da História da RDC:

Imagem 1 - Representa Joseph Kasavubu, primeiro presidente da RDC, entre 1960, na altura era República do Congo ou Leopoldville.

Imagem 2 - Representa Patrice Lumumba Primeiro Ministro congolês entre 1960-1961.

Imagem 3 – Representa Mobutu Sese Seko Presidente da República do Congo, e mudou o nome do País para Zaire no período de 1971-1997.

Imagem 4 – Representa Moïse Tshombé, político congolês líder da secessão de catanga.

¹⁴ https://pt.m.wikipedia.org/wiki/República_Democrática_do_Congo, acessado aos 19 de Março de 2017, pelas 14h00.

Leopold II, rei da Bélgica entre 1865- 1909



15

Balduino I, rei da Bélgica entre 1951-1993



16

¹⁵ https:pt.m.wikipedia.org/wiki/leopold_II_da_Bélgica, acessado aos 19 de Março de 2017, pelas 14h30min.

¹⁶ https:pt.m.wikipedia.org/wiki/Balduino_I_da_Bélgica, acessado aos 19 de Março de 2017, pelas 4h25min.